



Comemorar e celebrar: significados e ressignificações da passagem do Padre Chico pelo Conjunto Palmeiras.

CRISTIANO RODRIGUES RABELO*

As comemorações iniciavam-se naquele dia com um sortido café da manhã. Uma dúzia de pessoas já esperava ansiosamente a presença do Padre. O local do café, início das celebrações daquele dia, era na Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras (ASMOCONP). No salão central, pessoas adentravam, juntando-se àquelas que já esperavam pelo Padre há alguns minutos. Quando chega, a imagem que se visualiza é a de um homem com as costas encurvadas, roupas simples e um sorriso que foi se abrindo na medida em que as pessoas iam ao seu encontro para lhe abraçar. A programação do dia era extensa. Primeiro na Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras, depois Banco Palmas, Associação das Mulheres em Movimento, almoço do sítio da Pastoral Operária (P.O.) e a noite, roda de conversas sobre as experiências do Padre no Timor Leste na Palhoça da Igreja Católica do bairro. A Semana Missionária em comemoração aos 52 anos de sacerdócio do Padre Francisco Moser era também uma celebração em decorrência do seu retorno do Timor Leste, onde fazia missão desde 2004 quando foi embora do Conjunto Palmeiras.

A cada lugar visitado, o contato com pessoas que o conheciam mostrava-se o quão familiar Francisco Moser era. Padre Chico, carinhosamente assim conhecido e chamado pelos moradores, chegou ao Conjunto Palmeiras em 1985. Italiano, veio ao Brasil em 1968 quando se engajou nos movimentos contra a Ditadura Militar. Vindo de São Paulo a pedido do Arcebispo de Fortaleza Dom Aloísio Lorscheider, Moser veio sob uma condição: queria ficar na zona periférica de Fortaleza. Adepto da Teologia da Libertação iniciou sua caminhada junto às comunidades da região.

Um dos líderes do bairro formado através da CEB assinala o modo como vê a importância que tiveram os primeiros padres para o Palmeiras, já que a Igreja Católica foi por muito tempo a única instituição a dar assistência aos moradores: “até 1981, essa presença [dos padres] era a presença mesmo do Deus, do tudo: do que faz o sacramento, do que faz a assistência; os padres levavam para o médico, davam remédio, essas coisas todas. Eram tudo!” Utilizando o próprio corpo como metáfora, outra participante da CEB fala da base que os padres representam para ela - e para a “comunidade” - até hoje: “Se eles não tivessem aqui eu acho que a comunidade caminhava, mas com muita dificuldade. Se eles sássem, ninguém ia morrer, mas ficava com as pernas bem bambas” (MATOS, 2004, p. 69).

* Professor de História da Educação Básica do Estado do Ceará, graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialista em Metodologia em Ensino de História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Mestrando vinculado ao programa de Pós-graduação em História e Culturas (MAHIS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

O depoimento descrito evoca, além da ação dos Padres redentoristas, as dificuldades presentes na vida daquele local, criado a partir de 1974¹ quando o estado do Ceará passou por uma forte quadra chuvosa que provocou alagamentos em diversas regiões. Fortaleza não foi exceção. Os habitantes das áreas de risco (próximas a rios, riachos e lagoas) foram os principais prejudicados com as inundações. Foi o caso dos moradores do Lagamar e do Alto da Balança, ao Sul da cidade, que ficaram desalojados em função dessas chuvas. Essa situação fez com que o Prefeito Vicente Fialho² adiantasse o cadastramento dessas famílias a fim de levá-las para o novo Conjunto, o Palmeiras. Último numa série de três Conjuntos que foram formados a partir do final da década de sessenta, por meio do programa de desfavelamento, liderado pela Fundação de Serviço Social de Fortaleza³.

Nesse período, a cidade passava por transformações urbanas, que estavam vinculados, a nível nacional, as reformas econômicas⁴ implementadas pelo governo brasileiro a partir da administração de Castelo Branco⁵. O objetivo era combater a queda do Produto Interno Bruto (PIB) desencadeado desde o início da década de sessenta. Como resultado dessa política, no final dos anos sessenta e início dos anos setenta, houve um grande crescimento econômico no país, intitulado “Milagre Brasileiro”⁶, favorecendo vários setores da economia. Um deles foi o da construção civil, que expandiu consideravelmente a quantidade de obras no país, elevando a circulação de capital, por meio de financiamento público na construção de vários empreendimentos urbanísticos.

O *milagre*, na capital cearense, é traduzido em um discurso de desenvolvimento urbano, presente em propagandas e colunas de jornais da época, a exemplo do Tribuna do Ceará, O Povo e Unitário, e representado por cada obra que é proposta ou inaugurada, como a abertura de novas vias, asfaltamento de ruas e avenidas, construção do estádio Castelão, do *shopping* Center Um e da Universidade de Fortaleza. O discurso desenvolvimentista causado por essa euforia econômica, no entanto, esbarrava no conjunto de moradias que estavam

¹ A data de criação do bairro diverge quando consultamos a documentação. Segundo jornais e documentos oficiais do período, o Conjunto data de 1974. No entanto, os moradores do bairro se referem à criação ao ano de 1973.

²Sua gestão foi entre os anos de 1971-1975. Disponível em:<
<http://www.anuariodefortaleza.com.br/administracao-publica/ex-prefeitos-de-fortaleza.php>>. Acessado em: 26/07/2014

³ Autarquia municipal criada em 17 de junho de 1964, sob o Governo do General Murilo Borges, por meio da Lei 2.621 e teve, entre outras funções, coordenar o programa de desfavelamento na capital cearense.

⁴ De acordo com Earp e Prado (2003, p. 6-7) são ações desse período o Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), o novo Código Tributário (5.172/66) com a criação de impostos como IPI e o ICM, a criação do Banco Central e do FGTS.

⁵ Sua gestão foi entre os anos de 1964-1968.

⁶ Segundo Earp e Prado (2003, p. 12) esse termo foi cunhado para representar o “boom” econômico no país.

aquém da noção de progresso presentes nos grupos abastados da cidade. Seria necessário retirá-las para que se construíssem os empreendimentos, um problema a ser resolvido pelas autoridades governamentais, pois geravam entraves para a efetivação de obras importantes ao progresso de Fortaleza. As favelas⁷ passaram, então, a ser vistas como um desafio para a gestão municipal.

[...] A Nova Aldeota entre outros, é um bairro cuja expansão extraordinária requer atendimento mais carinhoso da Prefeitura, porque, à base da iniciativa privada, tornou-se um dos pontos mais atraentes da cidade, com um número vultoso de construções residenciais, de aspecto interessante. Ali, existem condições excelentes para a implantação de um grande núcleo urbano, com extensas áreas de terrenos baldios, clima agradável, farto lençol d'água. Entretanto, os mocambos nascem naquele local como por encanto, sem que a Municipalidade tome qualquer medida para evitar o agravamento de um mal que, hoje ou amanhã, terá de ser debelado.⁸

São sob essas condições que se enquadra a construção e constituição do Conjunto Palmeiras. Com o objetivo de remediar a situação, sua concepção, que já era prevista pelo programa de desfavelamento, foi antecipada em um processo diferenciado em relação aos outros dois conjuntos já criados e implantados. A população que estava desabrigada, alguns alojados no Estádio Presidente Vargas, foi remanejada para o local sem as mínimas condições estruturais, sem possuir: água, energia, transporte e sequer material para a construção das próprias moradias. Situação que originou uma série de lutas dos moradores pela transformação do território em um espaço com melhores e saudáveis condições de vida.

No seio dessa organização do Palmeiras, as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), por meio da Teologia da Libertação, representou um marco de organização do bairro. Embora haja uma vasta bibliografia sobre essas Comunidades relacionadas à Igreja Católica, não se pode definir ao certo a data de criação das CEBs no Brasil, dividindo os estudiosos entre a década de 1950 e 1960, e nem constituir uma definição fechada sobre o que são as mesmas, segundo Schiavo (2009, p.1). Pela divergência de opiniões, cabe destacar aquela que nos ajuda a entender o tipo de organização que houve no Conjunto Palmeiras.

Michel Löwy (1995) as define como pequenos grupos de leigos organizados nas paróquias, bairros, favelas, vilas e/ou comunidades rurais “que se reúnem para ler a bíblia e discuti-la à luz da sua própria existência” (p. 46). Para Regidor (1996), é por causa dessa prática que as CEBs “constituíram o lugar de um processo de conscientização dos cristãos em face dos problemas sociais e eclesiais” (p. 17). (SCHIAVO, 2009, p. 3)

⁷ Um estudo realizado pela SUDEC/SUDENE em Fortaleza em 1970 diz que havia cerca de 73 vilas, denominadas de favelas, dispersas por todo território urbano da capital cearense.

⁸ Tribuna do Ceará. Fortaleza, Ceará, 5 de Julho de 1971, p. 3.

A atuação de Francisco Moser junto ao bairro, a partir da ação e reflexão dentro da proposta das CEB's com discussões dos problemas locais e a formulação de propostas para enfrenta-los, se dava à luz da realidade vivida por aqueles moradores. Os ensinamentos bíblicos serviam para a conscientização da luta por direitos básicos à sobrevivência das pessoas na região em que se encontrava o Conjunto. A miséria era uma constante na vida de muitos moradores, sem ajuda governamental para enfrentá-la, foi preciso aprender que se a população não lutasse a situação em que viviam não mudaria.

Havia propostas para poderem encaminhar e *informação*, era um momento de informação sobre o que estava passando[...]. Então, essas motivações nasciam do testemunho de pessoas, digamos, tipo o seu Manuel que vinha do interior, ele mantinha sempre na reflexão que ele fazia, essa relação explícita também com a fé dele. Fé como pessoa que sentia dentro da realidade uma alma nova que dava coragem a ele enquanto ele se alimentava dessa experiência e comunicava para os outros.⁹

O retorno do Padre à comunidade do Conjunto Palmeiras mexeu com diversos sentimentos e lembranças da população. A organização em torno da sua chegada movimentou o bairro em todos os locais que serviam como registro do passado. A reativação da lembrança, por meio de sua presença, é realizado a cada momento de celebração, roda de conversa e abraços em sua pessoa. É, portanto, traçado naqueles instantes, novas narrativas em torno de um passado que se tornou, novamente presente. Mas, que lembranças e narrativas são essas evocadas a partir da presença do padre nas celebrações? Como as pessoas se veem nesse processo de retorno à memória? Tais indagações tornam-se relevantes quando na Missa, celebrada pelos Padres Chico, Alderi, Padre Valber e Padre Marcos, o poeta Manuel Evangelista, que esteve presente junto com Moser nas reivindicações em torno de melhorias do Conjunto Palmeiras, apresenta-nos o seu sentimento sobre aquele momento em tom de poesia.

[...] Bem vindo, o Chico Moser ao Palmeiras, a grande região por onde caminhastes, evangelizastes e a missão entregastes, a quem confiastes e hoje estamos aqui, agradecemos e acolhemos a ti para lembrar tudo de ti. Lembrar o Chico Moser da rua Codó, do barraco de taipa, que recebeu os padres amigos, Eduardo e Jacó, e lá a caminhada partiu, com ofício divino na manhã partilhada, na visita a oração, a missão no seu dia a dia, no terço, na novena, a escuta uma profecia. Lembrar o padre Chico da mobilete avermelhada, a sacola ombreada, a palavra sagrada para ser semeada em seus ombros ia [...]¹⁰

Para Manuel a presença do padre é uma forma de lembrar. Em sua poesia traz aspectos importantes do período dos padres na região. A narrativa envolve elementos que não

⁹ MOSER, Francisco. Entrevista I (Jan.2015). Entrevistador: RABELO, Cristiano Rodrigues. Fortaleza-CE: UECE: 2015. 3 Arquivos. Mp3 (20min33seg ; 01h02min; 1min21seg) , p. 22.

¹⁰ EVANGELHISTA. Manuel. Homenagem de 52 anos de sacerdócio e missão do Padre Chico Moser. Fortaleza, 24 de Janeiro de 2015.



necessariamente seguem uma ordem cronológica, mas enfatizam aquilo que a presença do Padre trouxe à tona. Nesse caso, o caminho da evangelização, da missão em torno das lutas por melhorias, destacado quando cita os Padres Eduardo e Jacó vivendo na casa de Taipa, representação das condições precárias que se vivia na região. O ato de retornar e criar uma narrativa que represente um momento importante na vida coletiva e individual do poeta mostra um tipo de ressignificação que ele faz em torno de uma lembrança. Com isso, notamos que o ato de transformação simbólica e elaboração de sentidos para o passado é feito por meio de trabalhos da memória que se fazem no presente.

Las fechas y los aniversarios son coyunturas de activación de la memoria. La esfera pública es ocupada por la conmemoración, con manifestaciones explícitas compartidas y con confrontaciones. En términos personales y de la subjetividad, son momentos en que el trabajo de la memoria es arduo para todos, para los distintos bandos, para viejos e jóvenes, con experiencias vividas muy diversas. Los hechos se reordenan, se desordenan esquemas existentes, aparecen las voces de nuevas y viejas generaciones que preguntan, relatan, crean espacios intersubjetivos, comparten claves de lo vivido, lo escuchado o lo omitido. Son hitos o marcas, ocasiones cuando las claves de lo que está ocurriendo en la subjetividad y en el plano simbólico se tornan más visibles, cuando las memorias de diferentes actores sociales se actualizan y se vuelven <<presente>>. (JELIN, 2002, p. 52)

Ao afirmar que a comemoração é uma ativação de um passado, sendo capaz de ordenar e desordenar determinadas lembranças, a autora nos mostra como a celebração é capaz de reafirmar momentos importantes na memória coletiva de um local. Uma memória socialmente partilhada, segundo Habwalchs precisa sempre de um outro para trazer à tona traços de um período, “porque, em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1968, p. 26). Desse modo, as comemorações em torno de Moser, tomaram esse caráter partilhado da memória coletiva do Conjunto Palmeiras, reavivando lembranças individuais envoltas na memória do bairro e trazendo com isso modos de ser, ver e contar sobre esse passado.



Após o café da manhã na Associação, os caminhos percorridos pelo Padre mostravam-se familiar e ao mesmo tempo estranho. Muitas estruturas existiam frente às iniciativas de efetivá-las no passado do Bairro. Projetos e formas de agir estavam em pleno vapor. A visita ao Instituto Associação de Mulheres em caráter, de mostrar-lhe o tornado e o que aquelas do bairro. Portanto, celebrar



manhã na Associação, os Padre mostravam-se familiar e ao mesmo tempo estranho. Muitas estruturas existiam frente às iniciativas de efetivá-las no passado do Bairro. Projetos e formas de agir estavam em pleno vapor. A visita ao Instituto Associação de Mulheres em caráter, de mostrar-lhe o tornado e o que aquelas do bairro. Portanto, celebrar



a continuidade das práticas de superação das dificuldades que a população passou, traduzindo-se como uma herança deixada pela semente plantada pela organização das pessoas no Conjunto.

Imagem 1: Visita do Padre Francisco Moser ao Instituto Palmas. Comemoração dos 17 anos do Banco. A celebração foi feita posteriormente à data oficial de aniversário para celebrar junto à presença do sacerdote. Fonte: Elaborada pelo autor

Imagem 2: Visita do Padre Francisco Moser à Associação de Mulheres em Movimento. Fonte: Elaborada pelo autor

As celebrações mostram-se como momentos de contato em que a necessidade de afirmação de uma identidade é alimentada. Nos dois casos expostos, essa realidade esteve presente. No banco, a comemoração de seu aniversário junto à presença do Padre era uma forma de comunicar-lhe aonde eles chegaram. Na Associação, as falas emocionadas daquelas mulheres frente à importância do Padre se relacionam ao depoimento de Augusto, o senhor que está ao lado de Francisco na imagem acima, com seus cabelos e barba brancos. Ele

¹¹ Banco Palmas foi criado em 1998 a partir de um projeto surgido na Associação de moradores do Conjunto Palmeiras (ASMOCONP) tendo como principal objetivo a necessidade de superação da pobreza no bairro.

recordou os ensinamentos de Chico: “O padre nos ensinou a ler a bíblia de quatro formas e é isso que estou fazendo, já li a bíblia quatro vezes, pelo lado espiritual, social, cultural e de unidade.” O sacerdote confirmou positivamente com sua cabeça como quem pensava: “sim, foi isso mesmo que eu ensinei”. São com essas recordações que a ritualização dessas comemorações ressignificam lembranças a fim de dar vida nova a um passado, ao mesmo tempo em que afirma uma identidade de luta que se presentifica.

O jogo das comemorações tende à dialética da ausência tornada presente por uma cenografia, uma teatralização e uma estetização do relato. O rito permite entreter a memória reativando a parte criativa do acontecimento fundador, de identidade coletiva. [...] O rito é um marcador de identidade por sua capacidade de estruturação da memória, da qual ele representa a cristalização de camadas sucessivas, sedimentadas. (DOSSE, 2003, p. 295)

As celebrações envolvendo lugares resultantes das lutas no bairro são espaços que ajudam-nos a refletir sobre as ritualizações que as comemorações em torno da presença do Padre trouxeram à tona. Isso porque é o retorno a um passado que a lembrança se fez presente, demarcando os sentimentos, os desejos e as perspectivas de esperança que a figura de Padre Chico representou. Sua presença, portanto é fruto de uma despertar, de uma fazer recordar sobre a formação que várias pessoas tiveram a partir do contato com ele. Seja uma formação religiosa, seja uma formação civil, que por meio das escrituras e da organização política tomavam rumos cruzados. O significado de Padre Chico para a comunidade do Conjunto Palmeiras pode ser expressa a partir do depoimento daqueles que, com e por causa do Padre, formaram-se e levaram adiante o sentido da luta, não apenas no bairro, mas para a cidade.

[...] a minha adolescência e a minha juventude praticamente foi sendo acompanhada por ele, junto dele e, pra mim, ele representa um mestre. Eu acho que eu sou o que sou em relação em ser visto como uma liderança, ser visto como uma pessoa que luta pelo bairro, ser visto como uma pessoa que assimilou mesmo, o que foi aprendido nas CEBs, o que foi trabalhado nas CEBs, eu devo a ele e também um pouco ao Padre Luiz, o parceiro dele lá, mas principalmente a ele que era o que estava do lado da gente porque o Padre Luiz acompanhava outra comunidade. Então, para mim, essa foi a pessoa quem me ensinou, um mestre. Ele foi meu mestre na fé e nas lutas sociais [...] e a vinda dele para cá foi legal para gente e para o bairro, para saber como estão as pessoas que ele formou.¹²

Wayne Thiago é deficiente visual e hoje lidera um movimento chamado de Movimento de Conselhos Populares (MCP). Sua participação continua por meio de ocupações de terras para a moradia, movimentação política por saneamento básico no bairro e conscientização, realizada em sua própria casa com mulheres para as melhorias das condições

¹² ARAÚJO, Wayne Thiago da Silva. Entrevista II (Mar. 2015). Entrevistador: RABELO, Cristiano Rodrigues. Fortaleza-CE: UECE: 2015. 3 Arquivos. Mp3 (01h22min; 01h48min; 21seg), p. 10.

de atendimento de saúde no Conjunto Palmeiras. A sua formação como pessoa e a continuidade da perspectiva de lutas sociais se dão sob as marcas da experiência que esse passado deixou em sua vida e mostram os significados que a presença do Padre traz a ele.

Um exemplo de continuidade desse trabalho de Padre Chico aqui na comunidade, ele levou a gente para conhecer os índios Pitaguary, aí a gente foi conhecer os índios, a aldeia, lá em Maracanaú, a cinquenta quilômetros de Fortaleza. Você pode acreditar, depois que ele foi embora, todo ano a gente fretava ônibus e ia lá, todo ano na festa deles, dia doze de junho e todo mundo vai, lotava o ônibus, todo ano a gente faz isso. Ficou como continuidade...nós vamos fazer, ele não está aqui, ele fazia e agora nós vamos fazer. É um exemplo de tantos outros...deu continuidade, estudos bíblicos, formação, fé e política [...] Hoje o maior desafio é inovar, hoje a gente fica pensando, como fazer, qual a metodologia, de que forma a gente motivar. Esses dias aqui com o Padre Chico, a motivação foi o Padre Chico.¹³

Elizabete, uma das organizadoras da semana missionária, faz-nos pensar o porquê da vinda do Padre ser uma forma de tornar “presente um ausente” (Ricouer, 2000). Essa lembrança, recordada a partir dos vários festejos e das narrativas ressignificadas pelas pessoas que fazem o bairro do Conjunto Palmeiras, ajudam-nos a refletir que

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. (NORA, 1993, p. 9)

A memória, sendo esse elo entre o presente de manter viva um determinado passado, traz como característica daqueles que querem manter vivo traços importantes do que são um esforço de recordação, um esforço intelectual de lembrar (Ricouer, 2000, p. 48). Tal mecanismo, no caso das celebrações em virtude da presença de Moser, tem relação direta com uma vontade de não esquecer. Elizabete e Wayne em seus depoimentos assumem essa vontade, esse esforço a partir do momento que tornam a presença de Padre Chico significativa para que as lutas e os ensinamentos empreendidos e aprendidos no passado não sejam esquecidos.

A busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato de memória, a saber, a lutar contra o esquecimento, arrancar alguns fragmentos de lembrança à “rapacidade” do tempo [...], ao “sepultamento” no esquecimento. Não é somente o caráter penoso do esforço de memória que dá à relação sua coloração inquieta, mas o temor de ter esquecido, de esquecer de novo, de esquecer amanhã de cumprir esta ou aquela tarefa; porque amanhã será preciso não esquecer...de se lembrar. (RICOEUR, 2000, p. 48)

À guisa de conclusão, podemos refletir esse momento de encontro entre Padre Chico e a comunidade do Conjunto Palmeiras a partir das discussões que envolvem a

¹³ MOSER, Francisco. Entrevista I (Jan.2015). Entrevistador: RABELO, Cristiano Rodrigues. Fortaleza-CE: UECE: 2015. 3 Arquivos. Mp3 (20min33seg ; 01h02min; 1min21seg) , p. 22.



memória e a identidade. Esses dois conceitos podem se relacionar visto que podemos “dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, à medida que ela é também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.”(POLLAK, 1992, p. 5). Nesse esteio, quando há o retorno às lembranças por causa da presença de uma pessoa muito importante nesse processo, o que fica evidente é o caráter de manutenção de uma identidade individual, mas também coletiva, alimentada por uma memória que se relaciona à vida coletiva da comunidade. Ou seja, “cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização “(POLLAK, 1992, p. 7). Desse modo, o que se percebe quando da presença do sacerdote na comunidade é a manutenção de uma identidade coletiva, construída durante um longo processo de formação do bairro, tendo nas lutas sociais, em busca por melhores condições de vida, a experiência e constituição de indivíduos que se mostram ativos e atentos às necessidades coletivas. O sentido da luta e sua memória compõem quem são.

FONTES PESQUISADAS

Biblioteca Menezes Pimentel. Setor Hemerográfico. Tribuna do Ceará (1974). Fortaleza, Ceará.

ARAÚJO, Wayne Thiago da Silva. Entrevista II (Mar. 2015). Entrevistador: RABELO, Cristiano Rodrigues. Fortaleza-CE: UECE: 2015. 3 Arquivos. Mp3 (01h22min; 01h48min; 21seg)

MOSER, Francisco. Entrevista I (Jan.2015). Entrevistador: RABELO, Cristiano Rodrigues. Fortaleza-CE: UECE: 2015. 3 Arquivos. Mp3 (50min33seg ; 01h02min; 1min21seg)

EVANGELHISTA. Manuel. Homenagem de 52 anos de sacerdócio e missão do Padre Chico Moser. Fortaleza, 24 de Janeiro de 2015.

BIBLIOGRAFIA

EARP, Fabio de Sá; Prado, Luiz Carlos. **O “Milagre” brasileiro:** crescimento, aceleração, integração internacional e distribuição de renda 1967-1973. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/milagre_brasileiro.pdf.> Acesso em: 20 Out., 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** 2 ed. São Paulo: Centauro, 2006.

DOSSE, François. **A história.** Bauru, SP: EDUSC, 2003.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria.** Madri: Spaña Editores, Século XXI, 2001.



MATTOS, Geísa. **A Favor da Comunidade**: Modos de viver e fazer política no bairro. 2004. 262 f. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará em Fortaleza, Ceará, 2004.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: A problemática dos lugares. IN: Projeto História. Puc-SP, n. 10, p.7-28, Dezembro, 1993.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10. P. 200-2012,1992.

RICOEUR, Paul. Memória e Imaginação. In: **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas, Editora Unicamp, 2007.

SCHIAVO, Reinaldo Azevedo. As Comunidades Eclesiais de Base no Brasil: Um balanço historiográfico. In: **Seminário de História da Historiografia: aprender com a História?** 3, 2009, Ouro Preto, MG, Anais, Ouro Preto, MG, EDUFOP, 2009, p. 1-11.